

A N D R E W P E T E R S

FLORESTA
DOS
CORVOS

The title 'FLORESTA DOS CORVOS' is rendered in a large, black, serif font. The letter 'F' in 'FLORESTA' has a decorative root system extending downwards and to the left. The letter 'A' at the end of 'FLORESTA' has a decorative branch extending to the right. The word 'CORVOS' has a decorative branch extending from the bottom of the 'V' to the right.

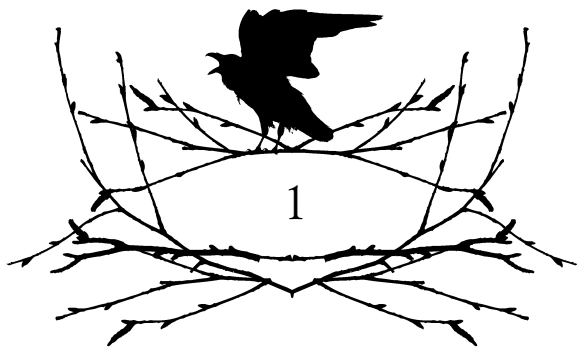
TRADUÇÃO DE RAQUEL ZAMPIL



Para minha mulher, Polly, que tanto ajudou na estruturação, edição e criação deste mundo, e que é minha companheira constante nas viagens mais profundas; para meus amados filhos, Roz e Asa, que foram meus primeiros leitores; para Eugene, que me estimulou a prosseguir quando eu estava prestes a desistir; para Uli, por lutar por uma boa causa; para Rachel Hawes, que me deu tantos conselhos úteis sobre roupas no alto das árvores; para Barry, que acreditou em mim e no meu trabalho e assumiu o risco; para a equipe da Chicken House, que me apoiou o tempo todo, e, finalmente, para Imogen, minha brilhante editora.

“Árvores são relíquias. Quem sabe como falar-lhes, ouvi-las, esse conhece a verdade. Elas não pregam ensinamentos e receitas, pregam isoladamente a primária lei da vida.”

HERMAN HESSE



A perseguição

Permaneça na madeira, assim deve ser.

Se deixares a árvore, logo vais morrer.

Provérbio dendriano

Ilha de Arborium

**Cinco de outubro, início da noite, uma semana antes
do Festival da Colheita**

A flecha zuniu acima de seu ombro e cravou, com um baque surdo, direto em uma estaca de madeira. Por pouco! Se ele não houvesse tropeçado, saindo do caminho, a haste agora estaria cravada em algum lugar perto do seu coração. Imaginou o sangue desabrochando como uma flor na camisa, o corpo, sem vida, despencando da borda do galho até o solo, quase dois quilômetros abaixo.

Ark estava exausto. O suor escorria por suas costas e os músculos das panturrilhas doíam. Ele olhou para trás de repente: estavam a apenas cem metros dele. Essa parte da alta-estrada era ampla e reta. Não só o imenso galho original fora cortado para ficar com a face plana, assim como todos os galhos-via menores, mas também fora ampliado lateralmente com vigas e andaimes. Agora tinha seis metros de largura nos lugares de passagem. Àquela hora do dia,

antes da hora do rush, o caminho estava deserto. Ark corria a toda velocidade, sentindo cada nó e depressão da madeira.

Ocultas em algum lugar lá no alto, nuvens escuras despejavam seu aguaceiro, enchendo as florestas com o eco das gotas. O tamborilar constante instava-o a prosseguir, e Ark corria desesperadamente em meio a uma massa de sombras indistintas. O peso de seu cinto com o equipamento hidráulico o atrasava. Chaves-inglesas contra bestas? Esqueça. Mas não havia tempo para livrar-se dele. Outra flecha passou assoviando e desapareceu, inofensiva, nas profundezas das folhas verdes.

Seu perseguidor parou, enxugando a chuva dos olhos, apontando com cuidado antes de outro disparo. As roupas encharcadas do garoto fugitivo, da touca de couro marrom e do feio jaleco castanho à bermuda justa e às meias gastas, revelavam que se tratava apenas de um trabalhador dos esgotos. Na verdade, sua presa assemelhava-se a uma grande e desprezível mancha em meio às árvores. O guarda tentava acompanhá-lo, forçando os olhos no aguaceiro. O garoto disparava em seus sapatos com sola de borracha e aderência extra, o calçado padrão para aquelas alturas. Ninguém queria escorregar lá de cima, principalmente com o mau tempo. Quanto a matar um garoto de quatorze anos? Aquilo não era um problema, era a solução.

Mais adiante, a alta-estrada seguia na direção de um tronco imenso e oco. Ark disparou para dentro dele, onde hesitou, recuperando o fôlego. Uma ave gritou a distância, e um ruído farfalhante ecoou pela madeira, fazendo com que Ark olhasse para as sombras no alto. A árvore morta era uma encruzilhada. Seu tronco maciço suportava o cruzamento com galhos-via que levavam em três direções, passando por arcos esculpidos. Ele olhou para cada uma. Em um canto escuro, degraus antigos, cobertos de musgo, desciam para

as profundezas ocas. Estava desesperado, mas descer para o solo? Estremeceu só de pensar naquilo. Qual caminho?

Ark repassou o dia em sua mente. *Apenas mais um cano de esgoto entupido*, dissera seu patrão, sem querer sujar as mãos brancas e limpas. *Você pode resolver isso, Arktorious Malikum. É um trabalho. Na verdade, é um “grande trabalho”! E, convenhamos, você já é marrom... então, enfiar a mão em uma grande pilha daquilo não vai fazer muita diferença!* O homem riu da própria piada. Era o que sempre fazia. Mas aquilo não era motivo de riso.

Bem diante dele, um esquilo vermelho se abaixou no ramo-via, mordiscando uma avelã. Fitou Ark por um segundo antes de mergulhar escada abaixo.

— Por aqui...

Ark olhou à sua volta. A voz era tão baixa que ele se perguntou se estaria imaginando coisas. Esquilos falantes? Estava ficando maluco! Sem pensar, Ark seguiu o animal, atirando-se no buraco e sendo engolido pela escuridão, que o envolveu. Por um momento, pôde recuperar o fôlego fora da vista dos guardas. Tinha de aproveitar ao máximo.

Um ronco vindo de cima o assustou. Movendo-se lentamente em sua direção, saída das sombras, vinha uma carroça de lavanderia, com pilhas enormes de roupa limpa, sendo puxada por um pônei branco com manchas marrons. Quando a carroça passou por ele, as rodas de madeira atingiram um nó nos sulcos profundos no tronco e o arnês de bronze retiniu, emitindo estranhas notas por entre as folhas. Aquilo significava *saia do caminho*, pois pôneis de carga desacompanhados não alteravam sua rota por causa de ninguém.

Um cavalo dado! Ark sorriu melancolicamente e saltou na traqueira da carroça. Subiu com esforço e mergulhou nos montes de roupas arrumados com esmero sob o encerado impermeável. Con-

torcendo-se ali debaixo, cobriu-se com anáguas limpas e cruzou os dedos, rezando para que Diana o protegesse.

— Para onde foi o fiapo de gente?

— Tava aqui há um segundo...

As vozes soavam abafadas à medida que se aproximavam.

— A gente quase pegou ele!

Ark prendeu a respiração, esperando que as roupas passadas e os calções limpos fossem arrancados de cima de seu corpo. A mãe sempre o advertira em relação a ir sozinho à floresta, pois os Corvos poderiam pegá-lo e sugar sua alma. Aquilo ali era muito mais perigoso.

— Dá uma olhada aí por cima.

A carroça estremeceu quando pés escalaram até o topo da pilha de roupas. O peso de um guarda adulto e robusto caiu sobre Ark, expulsando o que restava de ar em seus pulmões. Eles ouviriam suas costelas quebrando ou seu coração martelando como o bico de um pica-pau.

Um versinho da infância veio à mente de Ark:

*Segure a pena, arrebate a hora
Ai de mim, me esconda, Senhora!*

Era uma cantilena sem sentido dita de um só fôlego por velhos e repetida com alegria pelas crianças. Mas ele ficava feliz com qualquer coisa em que pudesse acreditar naquele momento.

— Santo Broto! — praguejou o guarda. — Não tô vendo ele em lugar nenhum! Talvez o graveto danado tenha enganado a gente, fingindo que virou à esquerda.

— Grasp vai matar a gente se não encontrarmos o garoto! — sibilou o outro. — Vamos nos separar. Ele não deve ter ido longe...

O peso no peito de Ark sumiu, e as vozes foram se tornando mais distantes. Será que a velha cantilena tinha funcionado? Ark

respirou fundo, enchendo os pulmões, e contou até duzentos, embora suas pernas estivessem coçando para sair dali. Quem sabe ele poderia ficar na carroça e esperar até que a carga fosse entregue... Sentiu-se quase ninado pelo suave balanço do veículo. Não! Ele se repreendeu. Ouvira demais. Grasp espalharia a notícia. A partir de agora, ele era madeira morta.

A primeira coisa a fazer era se distanciar dos capangas do Sumo Conselheiro. Com cuidado, Ark afastou um par de meias-calças e várias camadas de protetores masculinos de couro para criar uma abertura por onde olhar, evitando pensar no lugar em que aquelas peças de vestuário haviam estado. Ele espiou lá fora. Tudo limpo. Ark deslizou e escorregou com cautela pela traseira da carroça. Desejou ter uma maçã para oferecer ao pônei que trabalhava imperturbável

— Obrigado, amigão! — sussurrou ele. — Fico lhe devendo uma!

Os olhos do pônei, cobertos por antolhos, voltaram-se para ele, como se o animal aceitasse seu agradecimento, e a carroça seguiu em frente, deixando Ark sozinho na alta-estrada.

Com cuidado, ele olhou o mundo em volta com novos olhos. Tudo que sempre considerara corriqueiro não oferecia mais nenhuma segurança. Uma névoa úmida borrava os contornos das folhas imensas, cada uma do tamanho de um homem adulto. Acima, abaixo, atrás e na frente, galhos-via e altas-estradas se entrelaçavam e projetavam-se no ar com cordas, andaimes e um milhão de pregos de madeira. Troncos com uma circunferência imensa, grandes o bastante para sustentar centenas de casas, lojas e hospedarias esculpidas em suas profundezas ocas, pontilhavam uma vasta paisagem de árvores. Ark sempre pensara que, apesar da história turbulenta, a vasta ilha de Arborium era o lugar mais seguro na Terra, estendendo-se pelas copas das árvores, a mais de um quilômetro e meio do solo. Não acreditava mais naquilo.

— Ei!

O grito agudo interrompeu bruscamente seus pensamentos. Ali! A poucos metros dele um de seus perseguidores lançava-se direto em sua direção. O emblema no casaco o denunciava: o falcão de bico cruel da casa do conselheiro. É claro, os guardas não eram tão estúpidos assim. É só esperar com paciência que qualquer camundongo sai do buraco.

Ark praguejou quando o homem deu um bote, tentando agarrar seu pulso. Ark deu um salto para trás e tentou se desvencilhar, mas não foi rápido o bastante. A mão do homem acertou o alvo e apertou o seu braço. Embora fosse quase tão magro quanto o garoto, seus músculos eram fortes como carvalho.

— Me solte! — gritou Ark.

— Nem pense nisso, seu sujismundo. — Os dedos, que mais pareciam tornos, apertaram ainda mais, enchendo os olhos do garoto com lágrimas de dor. — Você vale o bônus de um mês, ah, se vale!

Ele sorriu, ameaçador, revelando um conjunto de dentes verdes como fungos podres e um hálito que lhes fazia jus.

Ark parou de lutar à medida que uma fúria fria foi tomando conta dele. Que direito eles tinham? Seu pai sempre lhe dissera que ele podia sair de qualquer situação usando o cérebro. Mas de que valia a lógica contra a força bruta? Enquanto sua mente tentava se concentrar, o instinto puro entrou em ação: após a fuga vem a luta. Era como assistir a si mesmo de fora do corpo... Sua mão direita ainda estava livre. Em um perfeito movimento curvo, Ark tirou a pesada chave-inglesa do cinto de encanador e a ergueu em um arco, baixando-a com toda a força.

O guarda esperava um garoto acovardado, mas o que encontrou foi uma arma bem-manejada, com um ruído repugnante como resultado. Os olhos do homem se arregalaram e ele lentamente escorregou até o chão.

Ark não esperou. Já estava correndo antes mesmo de ouvir o baque do corpo na madeira. O grito do perseguidor teria o efeito de um alarme e, onde havia um guarda, certamente surgiriam outros. Pelo menos, pensou o garoto, saboreando a adrenalina da fuga, ele havia ganhado algum tempo. Mas o galho-via por onde seguia era comprido e reto e parecia estender-se até o infinito. Ele sabia que a próxima saída ficava a quase meio quilômetro dali, e começava a sentir câibras nas pernas finas por causa do esforço da corrida.

Esquadrinhou o caminho à frente e derrapou ao parar de repente na pista traiçoeira. Seu pior pesadelo já vinha avançando a distância: outro guarda, duas vezes maior que o primeiro, vinha na direção de Ark, seus passos fazendo a madeira ranger. O homem segurava deliberadamente um punhal, a lâmina afiada tremeluzindo na chuva. O garoto podia distinguir uma cicatriz ziguezagueando como um relâmpago pela cabeça raspada do homem.

Ark deu meia-volta. Teria de voltar por onde viera. A que distância estaria o próximo cruzamento de galhos e, ainda que conseguisse chegar até lá, para onde iria depois? Ele olhou por cima do ombro e viu que o guarda começara a correr, gritando e apontando. Quando tornou a se virar, entendeu o porquê. Mais adiante, o primeiro guarda — o que ele pensara ter tirado do páreo — já estava se sentando. Será que as coisas podiam piorar ainda mais? Dessa vez, não havia cruzamentos oportunos, rotas alternativas, nada. Ark estava encurralado.

A chuva encharcava a floresta, tornando mais densa a névoa que agora pairava no ar como retalhos. A alta-estrada estava mergulhada nas sombras e os dois guardas mal conseguiam distinguir a figura do garoto, já bastante camuflado com as roupas marrons e manchadas. Não importava. Aonde ele poderia ir? Os grandalhões foram se aproximando devagar, certos de que tinham a presa nas

mãos, certos de qual seria o resultado. Não precisavam correr: estava tudo acabado.

O garoto pareceu ajoelhar-se, como se rezasse. Então se levantou, olhou pela beira da via e deu um único passo para trás. Antes que os homens pudessem ter qualquer reação, o garoto saltou da alta-estrada, quebrando a grande lei não escrita dos dendrianos.

*Permaneça na madeira, assim deve ser.
Se deixares a árvore, logo vais morrer.*

Quando o garoto mergulhou no espaço, o guarda da frente estremeceu. Saltar por vontade própria, afastando-se de tudo que era conhecido, para a terra repelente e envenenada tantos metros lá embaixo... era loucura!

Correram o mais rápido possível em meio à névoa, mas era tarde demais. No momento em que os guardas finalmente chegaram ao ponto de onde ele havia saltado, o garoto já desaparecera. Um deles engatinhou até a beira do galho-via e ergueu as cordas de segurança para espiar, nervoso. Mas, embora forçasse a vista cada vez mais, olhando lá para baixo, tudo que pôde ver foi o cinto de encanador do garoto preso em um velho pedaço de andaime em um tronco morto, centenas de metros abaixo.

— Nada sobreviveria a essa queda — murmurou, voltando a ficar de pé.

Indicou o cinto de encanador para o outro guarda. Tudo estava acabado, então.

Depois de uma breve discussão, o guarda mais velho pigarreou e, da beira do caminho, lançou uma bela e encorpada cusparada. A gravidade fez o seu trabalho e ela caiu, exatamente como o garoto.

— Bah! Já vai tarde!

— Está desabando um aguaceiro. Vamos embora daqui.

Se o garoto estava morto, seus problemas tinham sido resolvidos. Ainda melhor: o patrão talvez pudesse ser persuadido a lhes dar um bônus e um barril de cerveja.

— Como está sua cabeça, Alno?

— E por acaso você se importa?

O guarda menor cerrou os punhos.

— Nocauteado por um simples garoto! É preciso talento para isso, ah, é.

Havia um brilho desagradável no olhar de Sálíx. Ele estava achando tudo aquilo muito divertido.

— É, bem, pelo menos eu peguei o garoto primeiro!

Agora iriam zombar dele durante meses.

— E deixou que fugisse! Você deve ter a cabeça mais dura do pedaço, com esses miolos de madeira!

— Ah, salve, Sálíx. Agradeço sua preocupação...

Ele podia sentir o galo se formando. Por que não fora ele quem empurrou o garoto? O sujismundo estúpido o privara da vingança. Bem, pelo menos agora estava tudo decidido e, assim que estivessem secos e aquecidos, uma boa noite bebendo poderia resolver a questão da dor que fazia sua cabeça latejar.